

Igreja, Ascetismo e Poder na Antiguidade Tardia: o diaconato de Olímpia em Constantinopla

João Carlos Furlani

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Neste artigo, temos por objetivo expor nossas primeiras análises sobre a prática de ideais ascéticos pelas mulheres no século IV, com destaque à figura de Olímpia, uma diaconisa da igreja de Constantinopla, com o propósito de compreender o alcance da sua liderança na Capital na condição de patrocinadora de obras de caridade. Cumpre ressaltar que essa discussão deriva do subprojeto intitulado “Pobreza, caridade e liderança feminina na Antiguidade Tardia: o diaconato de Olímpia em Constantinopla”.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia; Constantinopla; Poder; Ascetismo; Olímpia.

Church, asceticism, and power in the Late Antiquity: the diaconate of Olympia in Constantinople

Abstract: In this article, we aim to expose our first analysis about the practice of ascetic ideals of women in the fourth century, highlighting the figure of Olympia, a deaconess of the church of Constantinople, in order to understand the scope of his leadership in the capital provided by the sponsor of works of charity. It should be noted that this discussion comes from the sub-project entitled "Poverty, charity and leadership of women in Late Antiquity: The deacon of Olympia in Constantinople".

Keywords: Late Antiquity; Constantinople; Power, Asceticism; Olympia.

Introdução

O século IV é marcado por uma série de eventos que oscilam entre crise, reconstrução e mutação, e que geram as mais variadas modificações nas estruturas políticas, sociais e religiosas do Império Romano. Questões pertinentes para reflexão em tal século surgem ao nos debruçarmos com diferentes olhares para a mesma fonte, formulando temas que exigem um estudo mais aprofundado. Nesse sentido, algo que nos chama atenção ao estudarmos o IV século é a representação da pobreza, dos ideais ascéticos e, principalmente, a condição social em que se encontravam as mulheres na Antiguidade Tardia.¹⁴⁰ Diante dessa constatação nos dedicamos ao levantamento bibliográfico sobre o assunto e à definição de uma fonte primária que abarcasse tal conteúdo, resultando na elaboração do subprojeto intitulado: “Pobreza, caridade e liderança feminina na Antiguidade Tardia: o diaconato de Olímpia em Constantinopla”, orientado pelo Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva.

Como fonte a ser explorada, utilizamos uma biografia denominada *Vita Olympiadis* ou *Vida de Olímpia*, escrita por um autor anônimo por volta do século V. Em tal obra, o autor narra o compromisso da protagonista com a virgindade durante seu primeiro casamento, sua recusa a se casar novamente, as doações de todos os seus bens a Crisóstomo e à igreja de Constantinopla, a fundação de um mosteiro na cidade, seu exílio, morte e sepultamento na Igreja de São Tomás. O autor também elogia Olímpia e a compara a Tecla, a quem define como uma mártir, santa entre as mulheres, que odiava os prazeres transitórios deste mundo, que recusou um casamento terreno e confessou que iria se apresentar virgem e pura ao seu “esposo verdadeiro” (ANÔNIMO, *Vida de Olímpia*).

Dando início ao projeto em questão, focamos nossa análise, primeiramente, na representação e às condições sociais em que se encontravam as mulheres entre o final do século III e o início do século V no Império Romano, o que nos levou a encontrar personagens, que mesmo diante do papel subalterno usualmente reservado à mulher, destacaram-se e tiveram voz em seu tempo. Em seguida, analisamos as relações sociopolíticas durante a Antiguidade Tardia e, por fim, a figura de Olímpia, como diaconisa.

¹⁴⁰ Antiguidade Tardia, segundo Marrou, “não somente é a última fase de um desenvolvimento contínuo: é uma outra Antiguidade, uma outra civilização, que temos de reconhecer na sua originalidade e julgar por si própria e não através de cânones de épocas anteriores” (MARROU, 1979: 15). Sua demarcação de tempo é imprecisa, sendo muitas vezes atribuída entre o final do século III ao século VII.

Diante das condições acima destacadas, temos por objetivo, neste artigo, realizar algumas reflexões sobre poder e ascetismo no século IV; e apontar as primeiras impressões e análises a respeito de Olímpia, uma diaconisa da Igreja de Constantinopla, por meio da fonte explorada, com o propósito de contribuir para a compreensão de sua atuação como asceta, principalmente no que se refere à sua condição de patrocinadora de obras de caridade e sua postura de liderança na Capital.

A história das mulheres, um domínio em ascensão

Ao trabalhar com a representação dos ideais ascéticos femininos na Antiguidade Tardia, buscamos o apoio teórico da História das Mulheres; e as reflexões que mais nos foram úteis são aquelas formuladas, principalmente, por Michelle Perrot (1993).

É comum ouvirmos acerca do "desaparecimento" das mulheres no âmbito da história, dominada, até então, quase unicamente pela ótica masculina. Porém, a partir das décadas de 1970 e 1980, com os ideais dos movimentos feministas e os debates intelectuais a respeito dos "excluídos", outros objetos de estudo são enfocados, como os loucos, os prisioneiros, os bandidos, os doentes; incluindo-se aí as mulheres. A partir de então, notamos a crescente fundação de revistas; congressos; grupos e associações voltados para a condição feminina. Mesmo que ainda haja um discurso de "dominação masculina" ou de exclusão feminina, podemos dizer que a "mulher", em nosso meio acadêmico, é um objeto histórico em ascensão.

Com essa ascensão, o debate sobre uma *História das Mulheres* distinta da concepção historiográfica tradicional, posto que marcada pelas suas particularidades, é constante. Porém, concordando com Michelle Perrot (1993), recusamos a perspectiva de dualidade da relação entre sexos e defendemos que escrever a História das Mulheres "não é um meio de reparação, mas desejo de compreensão, de inteligibilidade global". Perrot ressalta a repressão sofrida pelas mulheres por séculos, mas lembra que sua história não é feita só de violências e submissões. "O *status* de vítima não resume o papel das mulheres na história, que sabem resistir, existir, construir seus poderes" (PERROT, 1993: 166). E é a partir dessa ótica que pretendemos investigar a atuação de Olímpia, destacando a sua contribuição como aristocrata, asceta e diaconisa da igreja de Constantinopla no processo de cristianização da cidade.

Crise e transformação no IV século

Buscar compreender o papel social de Olímpia em Constantinopla nos coloca em contato com uma mulher bastante influente em seu tempo. Deste modo, a fim de localizar nosso objeto de estudo é necessário dizer algumas palavras acerca do contexto histórico do século de sua maior vivência: o IV.

Diferentemente da concepção tradicional de queda do Império Romano, no IV século observamos uma série de alterações que oscilam entre crise, transformação e reconstrução. Assim como ressaltam alguns autores, as reformas de Diocleciano e seus “colegas” da Tetrarquia (285-305) não tiveram o efeito esperado, porém reconquistaram boa parte do Império, perdido durante a Anarquia Militar do século anterior (CARLAN, 1997: 2). Constantino, herdeiro dessa política, depois de uma acirrada guerra civil, conseguiu organizar as finanças públicas e a administração romana. Uma dinastia constantiniana, sucedida pela dinastia valentiniana e teodosiana, é criada e, ao que parece, foi capaz de manter certa estabilidade.

Sucedendo um longo período de crise e Anarquia Militar, Diocleciano, Constantino e sucessores, procuraram realizar as mais variadas reformas políticas, econômicas, sociais e até mesmo religiosas. E é essa última a que mais nos interessa.

Não menos importante, a questão religiosa aparece como uma das mais influentes no século IV. O conflito entre o paganismo e o cristianismo é antigo; sabemos que já nos três primeiros séculos da Era cristã o paganismo já vinha sofrendo mutações em seus rituais. Porém, no IV século a situação se agrava para os pagãos, devido aos confiscos, interdições de sacrifícios, proibição de consulta a oráculos e visitação a templos, ao lado da promulgação de leis restritivas aos cultos pagãos, como a de 356, na qual era proibido, sob pena de morte, celebrar sacrifícios, adorar os ídolos ou mesmo entrar nos templos pagãos. No entanto, cabe ressaltar que nem sempre tais leis eram cumpridas à risca. Mas é em 392, pelas mãos de Teodósio, responsável por promulgar uma lei que, aplicada com rigor, proibia qualquer ato do culto pagão, mesmo o relegado no interior das casas e propriedades privadas, que o paganismo sofrerá um duro golpe, favorecendo a consolidação do cristianismo. Nesse contexto, verificamos um fortalecimento dos ideais ascéticos, o que não quer dizer que eles não existissem antes. Entretanto a ascensão da Igreja, sem dúvida proporcionou melhor posição para os ascetas, em nosso caso, para as ascetas. É

interessante lembrar que o ascetismo praticado pelos que adotavam o monacato em finais do século III e início do IV, assim como ressalta Silva (2003: 196), foi sustentado, principalmente, pelos anacoretas, recebendo um significativo impulso graças à Grande Perseguição, que lançou inúmeros cristãos no deserto, em busca de refúgio e de um espaço seguro onde pudessem praticar suas crenças.

A liderança cristã no âmbito urbano

É comum relacionarmos a conversão de Constantino ao cristianismo, em 312, aos privilégios concedidos aos cristãos, que adquirem maior visibilidade nos circuitos urbanos, o que de fato aconteceu. No entanto, Chevitarese (2006: 173) declara que mesmo no II século:

(...) a Igreja se torna proprietária legítima dos lugares de culto e dos cemitérios (...) Os cristãos, de fato, durante o governo de Cômodo, deixam de lado aquele princípio excessivamente cuidadoso em não querer assumir cargos públicos, um tipo de comportamento que os caracterizou durante todo o período Antonino.

Acerca disso, podemos dizer que os cristãos aos poucos expandiram sua crença, passando a ocupar novos lugares no Império Romano. Silva (2005: 168) afirma que “a habilidade dos sacerdotes cristãos em fornecer respostas aos anseios da população ao conjugar elementos extraídos da cultura e do imaginário pagãos com os cânones da fé que o professavam” contribuiu para a expansão do credo cristão. Em meados do século III, de acordo com Peter Brown (2009: 243-244), a igreja de Roma dispunha de um clero de 155 membros e mantinha cerca de 1500 viúvas e pobres. Tal grupo, independentemente dos religiosos regulares, entre outros, era tão numeroso como a mais importante corporação da cidade. O autor acrescenta que mais revelador, talvez, seja o papa Cornélio ter apresentado tais estimativas como uma das justificativas para ser considerado bispo da cidade. Nesse contexto, a questão do celibato e a linguagem do poder se aliaram ostensivamente no cenário mais amplo da vida urbana romana. Em complemento, Cipriano teve o cuidado de sublinhar “a delicadeza moral da castidade virginal” de Cornélio, que se sentia constrangido por ocupar um alto cargo. Por fim, no final do século III, os bispos e o clero tornaram-se, aos olhos de seus admiradores, uma elite igual em prestígio às elites urbanas tradicionais.

Peter Brown (2009: 249) declara que, a Igreja tardo-antiga, na ótica de seus dirigentes, “é uma nova comunidade pública unida pela extraordinária importância atribuída a três temas, delimitados com uma acuidade até então inexistente no mundo antigo: o pecado, a pobreza, a morte.” Esses três conceitos fazem parte da instrução cristã na Antiguidade Tardia. Apenas enfrentando tais conceitos, de maneira definida pelo clero, é que o homem e a mulher comuns poderiam receber as recompensas de servir um único deus. Desse modo, o cristianismo se expandia no Império Romano e, conseqüentemente, seus ideais e variações de identidade, pois na Antiguidade Tardia, a associação existente entre Estado e Igreja deu origem a uma nova identidade, assim como ressalta Silva (2005: 168):

Tal associação implicou, por um lado, a produção de uma identidade que poderíamos definir como romano-cristã e, por outro, a emergência de uma representação que concebe o “outro”, a alteridade, sob um crivo político-religioso.

Além da formação da identidade romano-cristã, a pregação de preceitos do cristianismo é de suma importância para compreendermos o aumento de sua influência na esfera urbana. Assim como nas comunidades judaicas, um dos principais princípios cristãos é o de ajuda mútua, pois os membros contribuíam de acordo com suas posses, oferecendo esmolas, oportunidades de emprego e outras formas de ajuda aos humildes e desprovidos. Peter Brown (2009: 235-236) afirma que a prática da esmola aos pobres logo se tornou um sinal evidente da solidariedade dispensada àqueles que se encontravam numa posição instável. Ou seja, também se tratava de um modo de proteger uma parcela dos fiéis do empobrecimento e da miséria.

A solidariedade, benignidade e ajuda mútua que se faziam presentes na esfera cristã foram essenciais para o estímulo às práticas ascéticas e para o reconhecimento dispensado a elas, principalmente no caso das mulheres. Muitas exerceram influência na Igreja graças à sua fortuna, cultura ou coragem. No entanto, as ascetas ricas se distinguem das mulheres comuns por desempenharem um papel público ao socorrer os pobres, doentes e necessitados, como ressalta Brown (2009: 253):

(...) como protetoras dos pobres, através da esmola e dos cuidados com os doentes e os estrangeiros nos hospitais, as mulheres abastadas desfrutavam de uma verdadeira posição

pública nas cidades da região mediterrânea, posição excessivamente rara nos outros aspectos da vida pública (...)

Em contato direto com essas mulheres estava uma personagem que Peter Brown (2009: 253-254) denomina de “patrono dos pobres e protetor das mulheres influentes, cujas energias e fortuna coloca a serviço da Igreja, diretor espiritual de vastos grupos de viúvas e virgens”: o bispo. No século IV, tal figura adquiriu importância na cidade, associando-se com pessoas cuja existência fora ignorada pelo antigo modelo "cívico" dos notáveis urbanos e adquirindo poder e liderança. Dentre inúmeras tarefas, era ele o responsável por aconselhar e nomear as mulheres ao cargo de diaconisas. Estas que, com a ascensão do cristianismo e do ascetismo cristão, se notabilizaram como modelos de devoção e, ao menos no Oriente, foram reconhecidas nos circuitos urbano e eclesiástico.

O ascetismo feminino na Antiguidade Tardia

Podemos dizer que o ascetismo descreve um estilo de vida caracterizado pela abstinência de vários tipos de prazeres mundanos, muitas vezes com a finalidade de atingir objetivos religiosos e/ou espirituais.¹⁴¹ É comum encontrarmos no cristianismo e mesmo no paganismo ensinamentos de libertação do corpo por meio da modificação de comportamento e hábitos. Os primeiros ascetas cristãos adotaram um estilo de vida extremamente rígido, abstendo-se de prazeres sensuais e da acumulação de riqueza material.

Aqueles que praticam o ascetismo não costumam considerar as suas práticas virtuosas em si mesmas, mas perseguem um estilo de vida visando a encorajar, ou "preparar o terreno" para a transformação do corpo e da mente. O asceta busca maior liberdade em diversas áreas da vida, como estar livre de compulsões e tentações, uma maior tranquilidade de espírito, com um aumento concomitante da clareza e do poder do pensamento.

O ascetismo, é certo, não é um produto exclusivo dos cristãos, nem há uma única forma de praticá-lo. Por vezes ele é, inclusive, alvo de críticas, como veremos adiante no caso de Olímpia. Em meio a diferentes possibilidades de se seguir os ideais acéticos, diversas são as modalidades de ascetismo feminino vigentes nas comunidades cristãs ao

¹⁴¹ O vocábulo "ascetismo" deriva do termo grego antigo *áskēsis* (formação prática, exercício ou treinamento). Originalmente associada com qualquer forma de prática disciplinada, o termo *asceta* passou a significar qualquer pessoa que pratica uma renúncia à busca de coisas mundanas para alcançar objetivos mais elevados intelectuais e espirituais para si mesmo. *Áskēsis* é um termo grego, no qual a prática de exercícios espirituais, enraizado na tradição filosófica da antiguidade, originalmente seria a luta espiritual da Igreja contra o estilo de vida carnal.

longo dos três primeiros séculos do Império; que por sua vez, tenderam a se integrar numa nova experiência religiosa, denominada monacato ou movimento monástico, que começou a se esboçar por volta de 270, como já mencionamos, mas se expande consideravelmente nos dois séculos seguintes, o IV e o V.¹⁴² A partir desse momento, já com o cenobitismo, deu-se mais oportunidades para certas mulheres exercerem a sua devoção fora do âmbito familiar, tendo como ponto de convergência os mosteiros, onde se encontravam virgens, devotas, viúvas e diaconisas, que deixavam seus lares a fim de viverem reclusas (SILVA, 2007: 63-64).¹⁴³

Um pouco da Vida de Olímpia

É nesse momento de expansão do ascetismo feminino que surge a nossa personagem desse estudo, Olímpia, nascida por volta de 360 ou 370, no seio de uma família aristocrática recém-enobrecida em Constantinopla, e morta em 408. Olímpia era filha de Seleuco, um *comites*;¹⁴⁴ e, supostamente, descendente de Ablábio, um antigo governador, o que fazia dela uma pessoa abastada em seu meio. As fontes que a mencionam indicam que Olímpia ficou órfã muito cedo, mas após algum tempo, Procópio, prefeito de Constantinopla, passou a ser o seu tutor. Desde cedo a riqueza fazia parte de sua vida, de modo que sua educação foi esmerada, sendo ela acompanhada em sua formação por Teodósia, integrante de um grupo de mulheres cristãs piedosas e irmã de Anfilóquio, bispo de Icônio, (ANÔNIMO, *Vida de Olímpia*). Tais informações nos levam a crer que o meio onde Olímpia viveu foi fundamental para proporcionar sua condição posterior; primeiramente pela condição de sua família, que exibia um *status* aristocrático, mesmo que Olímpia não seja da família de Ablábio, o que não diminui a sua reputação. Em segundo lugar, por ter nascido em uma família aristocrática, foi proporcionada a ela uma boa educação, e, sem dúvida, uma situação financeira invejável. Olímpia foi cercada desde cedo por devotos que a guiaram no ascetismo, como Teodósia. Como dito acima, sabemos que

¹⁴² O monacato surge no Egito, em finais do século III, quando eremitas cristãos, ansiando pela purificação e a elevação da alma, se dirigem ao deserto, onde adotam um estilo de vida ascético, regulado por renúncia sexual, jejuns e mortificações, e também pelo combate às tentações associadas aos demônios (SILVA, 2003: 196).

¹⁴³ Cenobitismo é a prática realizada por cenobitas, que são monges que levam uma vida retirada, mas em comum com outros que têm os mesmos interesses, princípios e/ou prerrogativas. É uma das formas que assume o monasticismo no Ocidente, normalmente pertencem a uma Ordem religiosa e vivem de acordo com uma Regra, ou seja, uma coleção de preceitos. Difere do monasticismo eremítico justamente por sua vida em comunidade, o eremita afasta-se do contato com o mundo para assim melhor buscar a Deus.

¹⁴⁴ Cargo criado por Constantino, que consiste em a pessoa escolhida exercer a atividade de companheiro de um líder político ou militar.

Teodósia fez parte de um grupo de mulheres cristãs praticantes da piedade, o que fortalece nosso argumento de que o meio no qual Olímpia cresceu foi fundamental para suas atividades futuras.

Olímpia casou-se em 384 ou no início de 385. Seu marido, Nebrídio, foi, em 386, apontado como prefeito de Constantinopla, o que mais uma vez ressalta a sua interação com figuras de poder. Porém, ela experimentou uma viuvez prematura, provavelmente aos vinte anos (ANÔNIMO, *Vida de Olímpia*). Fato que pode ter contribuído para o forte sentimento que João Crisóstomo passou a sentir por Olímpia, quando posteriormente a conheceu.

Olímpia, agora viúva, torna-se alvo de acusações, principalmente no que se refere às suas práticas ascéticas; ao que parece, ela já teria doado parte de sua riqueza aos menos abastados, sendo acusada, então, de estar distribuindo seus bens aos pobres de modo desordenado. Por essa razão, Teodósio se esforça para unir Olímpia em casamento com Elpídio, um de seus parentes, dirigindo rogos persistentes à ela, a ponto de irritar-se ao não alcançar seu objetivo. Olímpia, entretanto, explica a sua posição para ao imperador, declarando julgar-se ser inadequada para a vida conjugal e incapaz de agradar um homem. (ANÔNIMO, *Vida de Olímpia*).

Agindo de forma autônoma e firme, a decisão de Olímpia foi mantida mesmo diante do imperador. No entanto, como resultado de sua recusa em se casar novamente, Teodósio ordena ao prefeito da cidade, Clemêncio, a reter os bens de Olímpia em confisco até que ela chegasse ao seu trigésimo ano, ou seja, até seu auge físico, que veio a acontecer, provavelmente, no ano de 391 (ANÔNIMO, *Vida de Olímpia*).

Após a retomada do controle de suas propriedades, Olímpia, já bem conhecida em Constantinopla, se tornou benfeitora do bispo Nectário, que a ordenou diaconisa.¹⁴⁵ Cumpre ressaltar que as diaconisas eram mulheres de conduta irrepreensível chamadas a participar dos serviços que a Igreja prestava a pessoas do sexo feminino, em determinadas ocasiões. Recebiam o seu ministério pela imposição do bispo, que não as conferia caráter sacramental (ALEXANDRE, 1993: 540-542).

¹⁴⁵ Nectário foi bispo de Constantinopla de 381 d.C. até a sua morte, em 397 ou 398 d.C., sucedendo a Gregório de Nazianzo, e sendo sucedido por João Crisóstomo; e era irmão do futuro sucessor dele, Arsácio de Tarso. Quando Gregório renunciou, Nectário era o *praetor* de Constantinopla; homem idoso, nascido em Tarso na Cilícia em uma família nobre, amplamente conhecido por seu caráter admirável, ainda que fosse apenas um catecúmeno.

Derivada do grego, a palavra diaconisa significa serva ou assistente, porém, não se resumindo a tal função. Entre seus deveres, destacamos os principais: 1) apoio aos serviços batismais, cuidando que as candidatas femininas sejam atendidas tanto antes como depois da cerimônia, aconselhando e prestando o auxílio necessário ao vestuário apropriado para o batismo; 2) apoio aos serviços de celebrações, onde dão ajuda especial às visitas femininas ou àquelas que estão há pouco tempo na igreja. É dever das diaconisas providenciar tudo o que é necessário para este serviço, tal como certificar-se que todo o material usado na celebração seja lavado e cuidadosamente guardado; 3) apoio no cuidado dos doentes, dos necessitados e dos infelizes, cooperando com os diáconos neste trabalho, geralmente auxiliadas por um bispo (ALEXANDRE, 1993: 540-542). Dentre tais deveres, Olímpia ficou conhecida, principalmente, por suas obras de caridade, no auxílio aos pobres e por sua profunda devoção e respeito aos bispos.¹⁴⁶

Quando Nectário morreu, em 397, João Crisóstomo chegou a Constantinopla para substituí-lo, pois foi eleito bispo da cidade. Uma vez bispo, deu início a uma reforma eclesial, mas se deparou com muitos obstáculos. Pouco a pouco entrou em conflito com importantes figuras de seu tempo.

Durante o período que atuou como bispo, Crisóstomo constantemente se recusou a realizar os banquetes episcopais, executando inúmeras reformas no clero, o que o fez popular entre o povo, porém impopular entre os cidadãos ricos e parte da igreja.¹⁴⁷ Por volta da mesma época, Teófilo, o patriarca de Alexandria, se opôs à nomeação de João para Constantinopla. Sendo um oponente aos ensinamentos de Orígenes, acusou João de ser a favor deste último. Teófilo havia punido alguns monges egípcios por seu apego à doutrina de Orígenes, que acabaram fugindo e sendo acolhidos por João, o que aumentou a sua ira. Por fim, Crisóstomo entrou em conflito direto com Eudóxia, esposa de Arcádio. Seu choque com a imperatriz era derivado das denúncias que fazia, acusando-a de ser extravagante e leviana (WILKEN, 1997).

¹⁴⁶ É interessante ressaltarmos que em 391, Teodósio, por lei, proibiu às mulheres serem diaconisas antes dos 60 anos e nomear herdeiros à Igreja, aos pobres e ao Clero. Mas como sabemos, no Império, há muitos exemplos de normas imperiais e canônicas que são apenas normas legais, sem efeito real.

¹⁴⁷ Cf. Gilvan Ventura da Silva, Um bispo para além da crise: João Crisóstomo e a reforma da Igreja de Constantinopla. *Phoenix*, Rio de Janeiro, ano 16, vol. 16, n° 1: 109-127, 2010. Cf. também Gilvan Ventura da Silva. O sentido político da prédica cristã no Império Romano: João Crisóstomo e a Reforma da Cidade Antiga. In: ARAÚJO, S. R. de.; ROSA, C. B. da; JOLY, Fábio D (Orgs.). *Intelectuais, Poder e Política na Roma Antiga*. Rio de Janeiro: NAU: FAPERJ, 2010. p. 235-272.

João também era conhecido por tratar os pobres ou menos afortunados com cordialidade, dedicando atenção particular ao matrimônio e à família. Também nutria uma afeição especial pela figura das mulheres. Olímpia foi uma das agraciadas por essa afeição. Crisóstomo mantinha uma íntima relação com ela, tendo se tornado seu amigo e confessor até o final da vida.

Olímpia costumava ser instruída por João na prática do ascetismo, razão pela qual Crisóstomo acabou exercendo forte influência sobre as suas atitudes. Olímpia, em poder de sua fortuna, foi acusada por Teodósio de esbanjar seus bens com os pobres, resultando no confisco temporário de suas propriedades. Mas agora como diaconisa e próxima de Crisóstomo, seus ideais de ascetismo ficaram mais manifestos. Percebemos isso quando lemos na fonte, que ela doou a João e à igreja de Constantinopla inúmeras quantias de ouro e prata, e todos os seus bens imóveis situados nas províncias da Trácia, Galácia, Capadócia Primeira e Bitínia, entre outras casas, assim como todas as suas propriedades suburbanas (ANÔNIMO, *Vida de Olímpia*).

Sendo de família nobre, não é estranho que Olímpia seja detentora de muitas propriedades, o que facilitou sua atuação junto a Crisóstomo, no que concerne à doação de bens em favor dos mais pobres. Olímpia também contribuiu com a difusão do ascetismo monástico, fundando um mosteiro em Constantinopla, além de doar praticamente todos os seus bens em nome da crença que defendia (ANÔNIMO, *Vida de Olímpia*).

Olímpia não era apenas amiga de Crisóstomo, mas sim uma partidária política. Isso fica explícito quando o conflito com a imperatriz Eudóxia se agrava. Contra o bispo aliaram-se Eudóxia, Teófilo e outros inimigos, que celebram um sínodo, em 403, para acusá-lo, resultando em sua deposição e exílio. No entanto, Arcádio o trouxe de volta quase que imediatamente, pois o povo se rebelou após a sua partida (SILVA, 2010a).

O restabelecimento de João Crisóstomo não durou muito tempo, pois ele continuou a fazer denúncias, desta vez contra a dedicação de uma estátua de prata de Eudóxia próxima a sua catedral. João Crisóstomo proferiu, em duros termos, que, outra vez, a imperatriz delirava e se preocupava em receber a cabeça de João em sua bandeja, aludindo aos acontecimentos envolvidos na morte de João Batista. Novamente Crisóstomo é exilado, desta vez para o Cucuso, na Armênia. Porém, assim como o povo se manifestou contra seu exílio, Olímpia não ficou calada, declarando inaceitável a substituição de João

por outro bispo. Como resultado, Olímpia também foi banida, porém, para Nicomédia (ANÔNIMO, *Vida de Olímpia*). Ela nunca reconheceu o sucessor de Crisóstomo e manteve com este último uma intensa correspondência até 408, ano em que João morre a caminho de Pítio (SILVA, 2010a).

Considerações Parciais

Olímpia é, sem dúvida, uma personagem singular. Mulher, aristocrata, detentora de inúmeras propriedades, asceta cristã, partidária e confidente de Crisóstomo até o final de seus dias. Concordando com Perrot (1993: 166), percebemos que "o *status* de vítima não resume o papel das mulheres na história, que sabem resistir, existir, construir seus poderes". Olímpia constrói seus poderes a partir da condição que lhe foi proporcionada, ou seja, do fato de ser membro de uma família abastada recém-enobrecida, ter possuído uma educação esmerada e ter a sua volta personagens cristãs influentes, como Teodósia, irmã do bispo de Icônio; seu ex-marido, Nebrídio, prefeito de Constantinopla; Nectário, bispo da cidade e, por fim, João Crisóstomo, sucessor de Nectário.

As condições para uma vida ascética foram proporcionadas a Olímpia, porém, não seriam praticadas de forma tão evidente sem certa autonomia. À época do confronto com Teodósio, Olímpia ainda não conhecia Crisóstomo, entretanto, não se deixou intimidar pelo imperador, respondendo-o com firmeza e determinação, impondo seus ideais ascéticos em lugar de aceitar um destino forçado e prosaico. Não queremos dizer que Olímpia era a única mulher de destaque em um tempo em que o silêncio feminino era comum, pois sabemos da existência de mulheres que tiveram voz na Antiguidade Tardia, como Paula, viúva de Toxotio; Melânia, a jovem; Cândida; Albina; Melânia, a Velha, entre outras. Mas sim que, na sua condição de patrocinadora da igreja de Constantinopla e, especialmente, de obras de caridade, Olímpia exerceu uma importante liderança na capital.

Por fim, outra questão que enriquece nossa hipótese acerca de uma liderança feminina exercida por Olímpia, é o exílio que sofreu devido a sua fidelidade a João. Sendo uma mulher comum, não haveria necessidade de tal medida. Sua posição como diaconisa, asceta e partidária de Crisóstomo determinou assim o seu exílio, fato incomum em se tratando das ascetas da Antiguidade Tardia.

Bibliografia

- ALEXANDRE, Monique (1993). Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos. In Georges Duby; Michelle Perrot. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol 1 – A Antiguidade. Porto: Afrontamento, 511-548.
- ANONIMOUS (1979). Life of Olympias. In E. A. Clarke. *Jerome, Chrysostom, and friends: essays and translations*. Lewiston: Edwin Mellen Press.
- BROWN, P. (2009). Antiguidade Tardia. In Paul Veyne (ed.). *História da Vida Privada 1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 214-284.
- CARLAN, Cláudio Umpierre (2007). O mundo romano no século IV: decadência ou reestruturação?, *Fênix*, 4, 1-18.
- CHEVITARESE, André. L. (2006). Cristianismo e Império Romano. In G. V. da Silva; N. M. Mendes. *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro/Vitória: MAUAD/EDUFES, 161-173.
- CLARK, Elizabeth A. (1979). *Jerome, Chrysostom, and friends: essays and translations*. Lewiston: Edwin Mellen Press.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (1993). *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 1 - Antiguidade. Porto: Afrontamento.
- MARROU, Henri-Irénée (1979). *Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?* Lisboa: Aster.
- SILVA, Gilvan Ventura da (2007). Ascetismo, Gênero e Poder no Baixo Império Romano: Paládio de Helenópolis e o status das Devotas Cristãs, *História*, 26, 63-78.
- SILVA, Gilvan Ventura da (2010a). O sentido político da prédica cristão no Império Romano: João Crisóstomo e a Reforma da Cidade Antiga. In S. R. R. de Araújo; C. B. da Rosa; F. D. Joly (eds.). *Intelectuais, Poder e Política na Roma Antiga*. Rio de Janeiro: NAU: FAPERJ, 235-272.
- SILVA, Gilvan Ventura da (2003). *Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basiléia*, 337-361. Vitória: EDUFES.

SILVA, Gilvan Ventura da (2010). Um bispo para além da crise: João Crisóstomo e a reforma da Igreja de Constantinopla, *Phoînix*, 16, 109-127.

SILVA, Gilvan Ventura da (2005). Vertentes da intolerância religiosa no Império Romano: o caso dos judeus. In *Anais do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos: Fronteiras e Etnicidade no Mundo Antigo*. Pelotas: Editora da UFPEL, 167-177.

WILKEN, Robert (1997). *Encyclopedia of Early Christianity*. Nueva York: Garland Publishing.